**UMA ALTERNATIVA EFICAZ DE CRESCIMENTO INTELECTUAL DO ALUNO E UMA MANEIRA DE APRIMORAR O ENSINO.**

Fazemos parte de uma sociedade constituída em uma época em que as relações são construídas de uma realidade e se estabelecem em movimento, desse modo nunca está pronta ou acabada como também não pode ser percebida apenas sob um ponto de vista. Assim, vivemos em uma sociedade dividida por grupos sociais com culturas especificas.

[...] nós, educadores, precisamos ter o universo vivencial discente como principio (ponto de partida), de maneira a tingir a meta (ponto de chegada) do processo pedagógico: afinal de contas, a prática educacional tem como objetivo central fazer avançar a capacidade de compreender e intervir na realidade para além do estágio presente, gerando autonomia e humanização. (CORTELLA, 1998, p.125)

 Ressaltamos a necessidade de o educador compreender melhor as marcas da complexidade, heterogeneidade e singularidade que instituem o espaço escolar bem como as práticas que dão significado aos processos educativos que são construídos a partir dessa realidade. Considerando, assim que é *do* e *no* cotidiano que as concepções são elaboradas e exercidas. Nesse sentido o trabalho educativo deve estar voltado para o desenvolvimento integral dos indivíduos, mediante a melhoria da compreensão do meio em que vivem maiores percepções de si mesmo e desenvolvimento de valores próprios de uma sociedade em constantes mudanças, assim enfocar-se-á a avaliação como instrumento mediador da ação pedagógico-educativo podendo-se através desta, diagnosticar, investigar informações que viabilizam o rendimento desta ação.

Neste sentido buscamos demonstrar neste artigo trazendo em sua essência a possibilidades de compreender, através de uma perspectiva crítica a forma como a avaliação está sendo percebida no cotidiano escolar. Segundo RIOS (1997), É no cotidiano de nossas práticas que estamos construindo a educação, que estamos fazendo a história da educação brasileira [...] (p.72).

A avaliação é conhecida como vilã no processo educativo. Vista como um monstro de quebra-cabeças vem sendo criticada por alunos, pais, professores e outros envolvidos, muito se tem ouvido falar sobre as concepções avaliativas, pois com tantos avanços no campo educacional, não podemos mais avaliar nossos alunos somente através de provas, existem vários métodos que podemos utilizar nesse processo, haja vista que compreendemos a avaliação no seu sentido mais amplo, e não somente só como um ato de medir, comparar ou julgar.

Nesse pressuposto esta reflexão está pautada nas contribuições de HOFFMANN (1996), que retrata a avaliação sendo a contribuição entre o discurso e a prática de alguns educadores e educadoras, KRAMER (1989), pontua que no ato avaliativo não só na Educação Infantil, mas também nos demais níveis do sistema escolar, os avaliados são única e exclusivamente os alunos e alunas. Ressaltando ainda que o fato de os alunos/as serem o único "objeto" da avaliação revela a estrutura de poder e autoridade da grande maioria das instituições escolares.

A realidade hoje revela a necessidade de uma prática coerente com uma perspectiva libertadora, bem como uma ação consensual com vistas à revisão do significado político das exigências burocráticas (notas, conceitos e outros) a serem cumpridas pelo sistema de ensino. Perpassa pela busca de uma ação avaliativa compreendida como parte do processo de ensino e aprendizagem, realizada de forma mais justa, menos punitiva, menos selecionadora e que impulsione a reflexão-ação-reflexão.

De acordo com REBOUL (1982), aprender é sempre trazer uma modificação passageira, ou duradoura, no comportamento do indivíduo, pela própria ação deste, em conjugação com outras pessoas ou instrumentos. Pois aprender é um ato que o aluno exerce sobre si mesmo, não é somente registrar para produzir, a verdadeira aprendizagem não é simplesmente reproduzir o conteúdo, mas criar, reinventar.

Partindo desse pressuposto, a avaliação pode ser entendida como tarefa didática permanente do professor no processo ensino e aprendizagem, um elemento que surge como reflexo do nível de qualidade do trabalho escolar, tanto do aluno como do professor. Assim, a avaliação tende a cumprir sua função didático-pedagógica de diagnóstico e controle no que se refere a verificação do rendimento escolar.

Assumindo a avaliação como parte do processo de ensino aprendizagem, LUCKESI (1996, p. 69) a compreende como um “juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão”. O professor tendo em suas mãos os resultados da aprendizagem do aluno compara esses resultados com a expectativa de resultado que possui e atribui-lhe uma qualidade de satisfatoridade ou insatisfatoridade. Avaliar é, em primeira instância, um diagnóstico do nível de aprendizagem de cada aluno o que cada um pode assimilar dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Compreendemos que o próprio aluno precisa saber que a avaliação é apenas um meio e não um fim. Nesse sentido o professor, deve informá-lo sobre os objetivos da avaliação e analisar com ele os resultados alcançados. E a avaliação sendo um processo contínuo, não é algo que termine num determinado momento, embora possa ser estabelecido um tempo para realizá-la.

Sabemos que na Educação Infantil, deve - se oportunizar as crianças um ambiente físico e social onde as mesmas se sintam acolhidas e seguras para enfrentar os desafios que lhe são propostos; pois à medida que tais desafios se ampliam, cria–se a possibilidades para as crianças aumentar o conhecimento de si mesma, dos outros e do meio em que vive ao mesmo tempo em que contribuem para o desenvolvimento de habilidades essenciais, como: autonomia, criatividade, expressividade e solidariedade. Considerando os aspectos citados, percebe-se a importância de uma avaliação contínua, onde valorize todos os aspectos do desenvolvimento da criança, em especial nessa fase onde os pequenos estão em pleno processo de descobertas. Daí destacamos a avaliação contínua como uma alternativa eficaz de crescimento intelectual do aluno e uma maneira de aprimorar o ensino.